

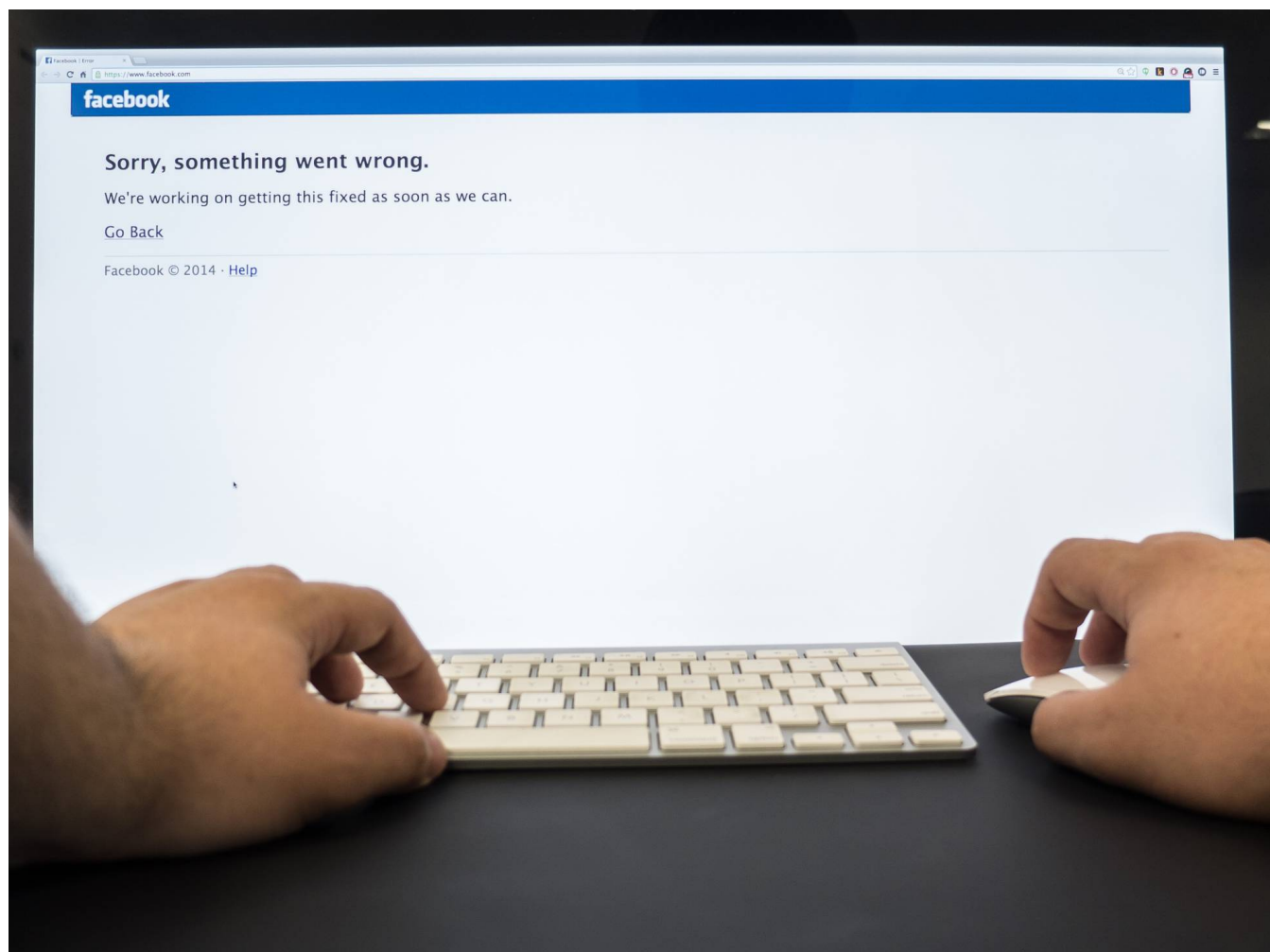
TRIBUNA

A memória seletiva da ética

Na busca por direitos individuais, passamos um rolo compressor sobre a noção de coletivo

ANA CARLA FONSECA / ALEJANDRO CASTAÑÉ

3 JUL 2016 - 15:10 BRT



/RAFAEL NEDDERMEYER (FOTOS PÚBLICAS)

Diante de tanta gente defendendo suas próprias bandeiras e lutas, em nome da democracia e não raro sobrepondo-as às dos outros, a palavra "direitos" parece unânime nas falas e notícias, enquanto "deveres" está virtualmente ausente. Será paranoia ou autoilusão? Crescentemente encafifados, recorreremos ao oráculo Google. ["Ter direitos" gera 284.000 hits; "ter deveres", tão somente 7.300](#). Não deixa de ser indicativo de uma curiosa noção de construção democrática.

Não resistimos e fizemos um *post* no pervasivo termômetro social que responde pelo nome de [Facebook](#). Muita gente reagiu solidarizando-se com nosso desconforto; mas várias pessoas retrucaram, com alguma ou muita indignação, por pressupor que "direito" invariavelmente se refere a cidadãos e "dever" integra a esfera do Estado. Bem, é compreensível que diante de um Estado historicamente glutão e esbanjador, a sociedade esteja pelas orelhas de pagar muito e receber pouco e, diante disso, que a mera menção a "deveres" seja sinônimo de mais por menos.

Traumas à parte, clamar por mais direitos, ou seja, respeito e responsabilidade por parte de nossos governantes, não deveria implicar em desrespeitar e ser irresponsável para com nossos vizinhos. Onde ficam os limites entre direitos e deveres, duas teóricas metades da laranja que, na prática, acabam se transformando em palco de embates? São estudantes que invadem a reitoria da universidade para fazer suas exigências, enquanto outros se manifestam para que o protesto pelos direitos dos colegas não lhes tolha o direito de ter aulas. Rodovias são bloqueadas por membros do movimento sem teto, indignados com o atraso no cumprimento de suas expectativas de direitos, transformando a vida dos motoristas que nada lhes devem em um inferno dantesco. No nosso projeto de democracia, o limite da ética se

MAIS INFORMAÇÕES

'Campanha pela volta do ladrão de galinha', por XICO SÁ

'O estranho silêncio das ruas', por LUIZ RUFFATO

'A violência policial de junho 2013, agora aprimorada', por CAMILA MARQUES e MARIANA RIELLI

'O golpe e os golpeados', por ELIANE BRUM

esquece do espaço do outro. Todos clamamos por um país sem [corrupção](#), desde que as pequenas corrupções do cotidiano de cada um não sejam afetadas; todos queremos ruas limpas, mas a culpa por termos vias emporcalhadas é da empresa que não limpa a sujeira que é contratada para limpar, já que lixo nasce por combustão espontânea. Na busca por direitos individuais, passamos um rolo compressor sobre a noção de coletivo. A conta, claro, não fecha.

Há duas décadas o deliciosamente ousado [Antanas Mockus, ex-prefeito de Bogotá](#), causou *frisson* em sociedades vizinhas ao cunhar e praticar o conceito de cultura cidadã. Afinal, em uma sociedade convulsa, a instância tradicional de justiça - aquela, representada pela deusa romana Justitia, com seu fiel da balança perpendicular (*dritto*, direito) ao chão - não faz sentido. No Brasil de tempos recentes, a [Operação Lava Jato](#) trouxe um laivo de esperança de resgate dessa imagem, mas ainda há muito por fazer, sempre e quando queiramos de fato assumir a responsabilidade de sermos uma democracia. Do mesmo modo, em uma sociedade transtornada por privilégios de alguns e privações de muitos, os conceitos de foro íntimo e ética se dissolvem no ar e o que não é ilegal não é visto como imoral.

Nesse quadro, a chance de termos uma sociedade viável, convivível e madura é a tal cultura cidadã - o olhar do e sobre o outro, que nos faz sentir bem ao sermos reconhecidos por agirmos de forma socialmente correta; ou vergonha ao pisarmos em falso. Em suma, para recuperar a percepção de que o meu direito termina onde o seu começa, é preciso voltar a reconhecer a existência do outro e se reconhecer pelo olhar do outro, algo que parecemos ter esquecido há muito.

Voltemos ao Facebook. Levante a mão quem não delistou ou foi delistado ao dizer que foi ou não às manifestações, que é contra ou a favor do impeachment e mais, que se sentiu aliviado por não ter mais de discutir com aquele chato de plantão. Porque, claro, o chato sempre é o outro. Difícil exercício, o dessa tal

democracia.

Ana Carla Fonseca e Alejandro Castañé são sócios da Garimpo Soluções, consultoria de economia criativa.

 **ARQUIVADO EM:**

Opinião · Operação Lava Jato · Liberdade expressão · Caso Petrobras · Investigação policial · Google · Facebook · Subornos · Financiamento ilegal · Lavagem dinheiro · Redes sociais

CONTENIDO PATROCINADO



BITRIX 24, La Intranet Social Corporativa

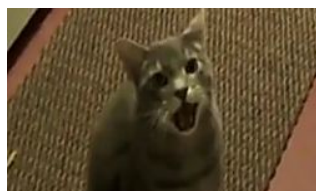
(MIX MUNDOS)

Y ADEMÁS...



Atención al "zasca" de Arturo Valls en Ahora caigo

(MAXIMA.FM)



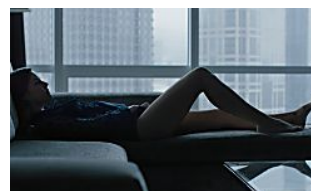
Así sonaría tu gato si en lugar de maullar dijera "hey" (VÍDEO)

(HUFFINGTON POST)



Además de corrupto, inútil

(CADENA SER)



Dime cómo te masturbas y te diré cómo eres

(GRAZIA ESPAÑA)

recomendado por

© **EDICIONES EL PAÍS, S.L.**

Contato | Venda | Publicidade | Aviso legal | Política cookies | Mapa | EL PAÍS no KIOSKOyMÁS | Índice | RSS |